

Ciências do Esporte e Educação Física: Uma nova Agenda para a Emancipação 2

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)

Ciências do Esporte e Educação Física: Uma nova Agenda para a Emancipação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	<p>Ciências do esporte e educação física: uma nova agenda para a emancipação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências do Esporte e Educação Física. Uma Nova Agenda para a Emancipação; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-567-9 DOI 10.22533/at.ed.679190209</p> <p>1. Educação física – Pesquisa – Brasil. 2. Políticas públicas – Esporte. I. Linhares, Wendell Luiz. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Educação Física tem possibilitado aos seus profissionais, a tentativa de a partir dos diversos fenômenos, sejam eles de cunho biológico, fisiológico, pedagógico, sociais e entre outros, a busca da compreensão do “novo” para a área. Neste sentido, o volume dois do e-book “Ciências do Esporte e Educação Física: Uma Nova Agenda para Emancipação”, configura-se numa obra composta por 20 artigos científicos, os quais estão divididos por três eixos temáticos. No primeiro intitulado “Educação Física, Práticas Pedagógicas, Currículo e Inclusão”, é possível encontrar estudos que discutem diferentes aspectos, distintos, entretanto, interdependentes da Educação Física Escolar, a partir de aspectos teóricos e empíricos e como esses influenciam ou podem contribuir para uma melhor prática docente. No segundo eixo intitulado “Avaliação, Capacidade Física e Exercício”, é possível verificar estudos que apresentam enquanto características, aspectos biológicos e fisiológicos relacionados ao exercício físico e como este pode ser utilizado para a avaliação das capacidades físicas em diferentes sujeitos. No terceiro eixo intitulado “ Políticas Públicas, Jogos, Esporte e Lazer”, é possível encontrar estudos que tratam da relação Esporte-Lazer e como, não só as Políticas Públicas, mas também, a memória, se articulam para o fomento dos aspectos mencionados anteriormente. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil e, por consequência, de várias áreas do conhecimento, os quais abordam assuntos relevantes, com grande contribuição no fomento da discussão dos temas supracitados.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

SUMÁRIO

EIXO 1 – EDUCAÇÃO FÍSICA, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CURRÍCULO E INCLUSÃO

CAPÍTULO 1	1
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Claudio Roberto de Jesus Pereira Rafaela Gomes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6791902091	
CAPÍTULO 2	12
TRAJETÓRIAS FORMATIVAS: ESTÁGIO SUPERVISIONADO E PIBID NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Leonardo Rocha da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.6791902092	
CAPÍTULO 3	17
PERFIL, FORMAÇÃO, SABERES E EXPERIÊNCIAS DOS DOCENTES SOBRE O ENSINO-APRENDIZADO DO ATLETISMO	
Janaina Andretta Dieder Alexandre José Höher Gustavo Roesse Sanfelice	
DOI 10.22533/at.ed.6791902093	
CAPÍTULO 4	31
PROGRAMA PIBID- CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SUPERVISORES NO QUE SE REFERE A INCLUSÃO ESCOLAR	
Diana de Souza Moura Robson Alex Ferreira Viviany da Silva Brughnago Josielen de Oliveira Feitosa Daiany Takekawa Fernandes Meire Ferreira pedroso da costa Jucelia Maria da Silva Wanessa Eloyse Campos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6791902094	
CAPÍTULO 5	43
QUALIDADE DE VIDA DE ESCOLARES: PERSPECTIVAS PARA NOVOS TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Vickele Sobreira Roberto Furlanetto Júnior Vilma Lení Nista-Piccolo	
DOI 10.22533/at.ed.6791902095	

CAPÍTULO 6 54

PROJETO VI-VENDO ESPORTE: REDISCUTINDO A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Felipe Souza de Brito
Nathalia Dória Oliveira
Mariza Alves Guimarães

DOI 10.22533/at.ed.6791902096

CAPÍTULO 7 60

OS DESAFIOS DA IMPLANTAÇÃO DO TÊNIS COMO COMPONENTE DO CURRÍCULO ESCOLAR

David Alisson Rodrigues da Silva
Karine Miranda Pettersen

DOI 10.22533/at.ed.6791902097

CAPÍTULO 8 71

OS JOGOS OLÍMPICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE PRÁTICA

Robinson Luiz Franco da Rocha

DOI 10.22533/at.ed.6791902098

CAPÍTULO 9 79

PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS: TIME-V: TREINO PARA INCLUSÃO, MOVIMENTO ESPORTE E VIDA

Mariana França Machado
Jéssica Fraga Dalgobbo

DOI 10.22533/at.ed.6791902099

EIXO 2 – AVALIAÇÃO, CAPACIDADE FÍSICA E EXERCÍCIO

CAPÍTULO 10 87

OS EFEITOS DE UM PROGRAMA DE EXERGAMES NO FUNCIONAMENTO EXECUTIVO E NO DESEMPENHO ACADÊMICO DE ESCOLARES NUMA PERSPECTIVA NEUROPSICOPEDAGÓGICA

Fabício Bruno Cardoso
Aline Cabreira Pinheiro
Saulo Souza
Danilo Cunha
Pablo Gandra
Austrogildo Hardmam Junior
Cleonice Terezinha Fernandes
Alfred Sholl Franco

DOI 10.22533/at.ed.67919020910

CAPÍTULO 11 98

TREINAMENTO DE FORÇA EM IDOSOS E SEUS BENEFÍCIOS: UM ESTUDO DE REVISÃO

Mauro Castro Ignácio
Walter Reyes Boehl
Augusto Dias Dotto
Anderson da Silveira Farias
Bruna Brogni da Silva
Paloma Müller de Souza
Guilherme de Oliveira Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.67919020911

CAPÍTULO 12	104
TREINAMENTO FUNCIONAL PARA IDOSOS	
Givanildo de Oliveira Santos	
Westter Vinicio Vieira Alves	
Hugsom Vieira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.67919020912	
CAPÍTULO 13	114
RELAÇÃO ENTRE OS EXERCÍCIOS AERÓBICOS E QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS QUE VIVEM COM HIV/AIDS	
Saulo Freitas Pereira	
Francisco Renato de Oliveira Vitor	
Kerginaldo Leite de Souza	
Adson Batista da Mota	
Carlos Alberto de Medeiros Silva	
Sandro Elias de Medeiros Filho	
Leylson Roberto Lopes de Freitas	
Dimas Anaximandro da Rocha Morgan	
Állan Frederico Medeiros da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67919020913	
CAPÍTULO 14	122
RELATO DE EXPERIÊNCIA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA AVALIAÇÃO DA COMPOSIÇÃO CORPORAL COM O PÚBLICO HIV/AIDS	
Silvana Corrêa Matheus	
Camila Valduga	
Bruna dos Santos	
Mauri Schwanck Behenck	
Uliana Soares Schaffazick	
Renata Palermo Licen	
DOI 10.22533/at.ed.67919020914	
CAPÍTULO 15	127
QUALIDADE DE VIDA E INTERESSE PELA PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS DE PESSOAS COM MOBILIDADE REDUZIDA NA CIDADE DO RJ	
Edvaldo de Farias	
Florisfran Melo Soares	
DOI 10.22533/at.ed.67919020915	
CAPÍTULO 16	141
PRÁTICAS CORPORAIS PARA A SAÚDE DO TRABALHADOR DA SEDUCE-GO: A EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA BIOPSISSOCIAL	
Max Santana Cananéia	
Rafael Vieira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.67919020916	
CAPÍTULO 17	145
PADRÃO DO SONO RELACIONADO A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA EM ACADÊMICOS DO NÍVEL SUPERIOR	
Edvando Trajano Freitas Júnior	
Paula Rocha de Melo	
Celina Maria Pinto Guerra Dore	
DOI 10.22533/at.ed.67919020917	

EIXO 3 – POLÍTICAS PÚBLICAS, JOGOS, ESPORTE E LAZER

CAPÍTULO 18	156
ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER NO MUNICÍPIO DE SAPUCAIA DO SUL/RS	
Walter Romeu Bicca Júnior	
Natalia Silveira Antunes	
Jenifer Thais Pagani	
Luana Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67919020918	
CAPÍTULO 19	171
ESPORTES NA BAHIA: REGISTROS DE MEMÓRIAS EM JORNAIS DO INTERIOR DO ESTADO – 1910 – 1929	
Roberto Gondim Pires	
Cleber Dias	
Tayná Alves de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.67919020919	
CAPÍTULO 20	181
A LINGUAGEM-EXPRESSIVA-CRIADORA DA DANÇA: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA	
Danieli Alves Pereira Marques	
Marília Del Ponte de Assis	
Aguinaldo Cesar Surdi	
Elenor Kunz	
DOI 10.22533/at.ed.67919020920	
SOBRE O ORGANIZADOR	188
ÍNDICE REMISSIVO	189

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Claudio Roberto de Jesus Pereira

Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa
Teixeira de Freitas – Bahia

Rafaela Gomes dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Teixeira de Freitas – Bahia

RESUMO: A sociedade cria expectativa sobre os gêneros, já a partir da infância, o que pode limitar as aspirações futuras de homens e mulheres. A Educação Física é um local privilegiado de discussões acerca do tema gênero, posto que se utiliza das expressões corporais para viabilizar conhecimentos da cultura do movimento. O presente estudo, do tipo qualitativo, caracterizado como relato de experiência de intervenção, realizada no decurso da regência do Estágio, tem como objetivo relatar a experiência de Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Educação Física desenvolvido sobre a temática “Relações de gênero na prática esportiva”. As estratégias do Plano de Ensino foram: discutir questões de gênero a partir do tema mulheres nos esportes, principalmente naqueles praticados comumente por apenas um dos sexos. A naturalização da cultura é um processo histórico sob o qual se tenta legitimar discriminações, determinações de papéis na sociedade, principalmente

com intuito de se exercer a dominação, neste aspecto, sobrepujança de homens às mulheres. O sexismo é evidenciado no âmbito escolar, o qual contribui para a aceitação como fato natural. A Educação Física, se por um lado, é privilegiada por poder conter, por outro historicamente tipificou as atividades sob as quais meninos e meninas estavam submetidos, reforçando não somente a fragilização do feminino, mas também exacerbando o estereótipo masculino de virilidade. Salienta-se a influência destas questões na criação de estereótipos que cerceiam direitos e deveres, principalmente às mulheres, para que se possibilitem o protagonismo de suas próprias vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Esporte; Educação Física; Estágio Supervisionado.

THE SUPERVISED INTERNSHIP AND GENDER RELATIONS IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION: A REPORT OF EXPERIENCE

ABSTRACT: The society creates expectation about the genders, from childhood, which may limit the future aspirations of men and women. The Physical Education is a privileged place of discussions about the gender theme, since it uses the corporal expressions to make possible

knowledge of the culture of the movement. The present qualitative study, characterized as an intervention experience report, carried out during the course of the Internship, aims to report on the Supervised Internship experience of the undergraduate course in Physical Education developed on the theme “Gender relations in practice sports “. The strategies of the Teaching Plan were: to discuss gender issues from the theme women in sports, especially those practiced commonly by only one gender. The naturalization of culture is a historical process under which attempts are made to legitimize discriminations, determinations of roles in society, especially in order to exercise dominance, in this aspect, overcoming men to women. Sexism is evidenced in the school context, which contributes to acceptance as a natural fact. Physical Education, on the one hand, is privileged to be able to contain, on the other hand it historically typified the activities under which boys and girls were subjected, reinforcing not only the weakening of the feminine, but also exacerbating the male stereotype of virility. The influence of these issues on the creation of stereotypes that curtail rights and duties, especially women, is emphasized so that the protagonism of their own lives becomes possible.

KEYWORDS: Gender; Sport; PE; Supervised internship.

1 | INTRODUÇÃO

Os estereótipos de gêneros delimitam papéis na sociedade que cerceiam possibilidades e influenciam nas dinâmicas das competências. A sociedade cria expectativa sobre os gêneros, desde a mais tenra infância, o que pode limitar as aspirações futuras de homens e mulheres.

A partir do entendimento destas afirmações, optou-se por analisar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, dentro do Estágio Supervisionado. A relevância pode ser demonstrada partindo da premissa de que se faz necessário desvelar as nuances sob as quais se ocultam as estruturas das discriminações e preconceitos.

A Educação Física é um local privilegiado de discussões acerca do tema gênero, uma vez que se utiliza das expressões corporais para viabilizar conhecimentos da cultura do movimento humano.

No que se refere ao Estágio Supervisionado, Vasconcelos (2012) diz que ele é uma oportunidade na formação de professores configurando-se numa base de uma ação reflexiva-crítica e pelo qual o conhecimento acadêmico se integra ao saber da experiência (VASCONCELOS, 2012). Além da importância preconizada pelas Diretrizes curriculares, no entendimento de que a ação prática é geradora de conhecimento (BRASIL, 2013), acredita-se que, a partir de Vasconcelos (2012), o estágio oportuniza uma formação através da prática, o qual é conseguido com intercâmbio efetivo entre a escola formadora e o campo de estágio.

Cumpre-se explicitar que, ainda, o Estágio Supervisionado demonstra sua

significância a partir de que oportuniza uma teorização prática, ali o estudante aprende a resolver problemas e, segundo Pimenta e Lima (apud SOUZA; BONELA; PAULA, 2007), é o lócus inicial para construção indenitária e de aquisição dos saberes do dia-a-dia.

O presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Educação Física desenvolvido sobre a temática “Relações de gênero na prática esportiva”. O presente estudo é do tipo qualitativo, caracterizado como relato de experiência de intervenção, realizada no decurso da regência do Estágio.

2 | GÊNERO E ESTEREÓTIPOS

As questões de gênero têm sido colocadas na pauta da literatura acadêmica recentemente (SARAIVA, 2005), o assunto é delicado, uma vez que desestabiliza a ideia aceita pelo senso comum de que o gênero é a representação do sexo. Faz-se necessário, então, distinguir o sexo do gênero. Apoiando-se nas pesquisas de Goellner (2008), entende-se que o sexo se configura como os aparelhos reprodutivos do homem e da mulher, e que o gênero é representado pelos papéis esperados por cada um em dada sociedade.

Indo além, tendo o estereótipo como um terceiro aspecto, pela definição de Saraiva (2005, p. 37), entende-se que este comporta um “conjunto de características que ‘definem’ o papel do indivíduo, enquanto que o papel é o conjunto de comportamentos esperados desse indivíduo”.

A Antropologia e a Sociologia têm procurado dirimir questões afeitas à estrutura do ser humano, através do seu histórico e do seu meio sociocultural, trazendo informações imprescindíveis para o entendimento do dimorfismo sexual. E, neste sentido, explicar as influências da natureza e da cultura em homens e mulheres. Além destas duas ciências, os estudos de epigenética reportam ideias que sugerem algumas hipóteses sobre as influências ambientais na estrutura biológica humana.

Os gêneros se inscrevem culturalmente em determinado contexto, recebendo marcas desta cultura, compostas e definidas por relações sociais. São produções e transformações da natureza e da biologia em historicidade. As identidades sociais buscam a integração e o pertencimento a determinado grupo social de referência, negando a simplicidade e estabilidade disso, entendendo a identidade de gênero como provisório, transitório, instável plural e histórico (LOURO, 2007).

A naturalização da cultura é um processo histórico sob o qual se tenta legitimar discriminações, determinações de papéis na sociedade, principalmente com intuito de se exercer a dominação, neste aspecto, sobrepujança de homens às mulheres (GOELLNER, 2008; SOARES, 1994).

Dão-se brinquedos e jogos diferentes para meninos. São diferentes as leituras

e até o enxoval do bebê (...). Esses fatores ambientais, minuciosos até os pormenores, mas operando continuamente através das idades, vão, pouco a pouco, determinando capacidades diferentes entre homens e mulheres... (LORENÇÃO apud CASTELLANI FILHO, 2010, p. 60).

Em contexto similar, Louro (2007) entende que as identidades sociais e culturais são políticas por estarem marcadas por relações de poder, tendo um grupo o status de “normal” e quem subverte a esta normalidade sofre a subordinação imposta pelos majoritários.

Tais grupos majoritários incidem sobre os subordinados e também sobre si mesmos, uma vez que a vigilância sobre si mesmos é intensa, meticulosa e constante, consideram-se numa referência segura, por exemplo, ter a mesma identidade de gênero e a de sexo, no sentido de manter-se dentro desta suposta normalidade (LOURO, 2007).

O trabalho de Silva e Daolio (2007), além de temer a ideia de naturalização da cultura, vêm corroborar com estas questões, uma vez que se utilizaram dos estudos da Antropologia Social para explicar as relações de gênero como inscrições culturais em pré-escolares. Os autores perceberam que a criança possui um mundo de características próprias de sua infância, não apenas reproduzindo o mundo adulto, mas sim, criando e recriando os significados do seu meio e vivências. Deste modo, o gênero não é dado de forma simplória e exata através do mundo adulto, embora receba influência fortíssima deste, a criança cria códigos e significados para cada gênero dentro de contextos variados do âmbito escolar.

Cada sociedade atribui valor a determinada característica e com isso cuida para que tal característica se propague e se perpetue. Mauss (2011), ao analisar padrões culturais de várias sociedades, diz que as ações da sociedade, em normas culturais, se inscrevem no corpo. A partir disso pode se suscitar que, tanto homens quanto mulheres, não são seres rigidamente determinados pelo seu estado biológico, mas sim, de consequências deste estado com vivências e de como a cultura os transforma.

Cumpra-se observar que o estereótipo de gênero apresenta-se na sociedade como causa de prejuízos de toda ordem para ambos os sexos, porém, são as mulheres quem tem recebido o pior tratamento e estando em constante desconforto social que delimitam suas capacidades, aspirações e anseios, e isso porque as coerções sofridas estão em estado de velamento contínuo, provocando a discriminação de atitudes entre os sexos (SARAIVA, 2005).

Salienta-se imprescindivelmente que o estudo de gênero tem seu direcionamento através de movimentos ativistas, principalmente do movimento feminista. Como afirma Delamont (1985), ao posicionar sua obra sobre a égide do feminismo, as mulheres têm suas possibilidades cerceadas e por isso é de suma importância a defesa dos seus direitos neste sentido. A ideologia feminista é importante à medida que dá visibilidade a um problema real com consequências reais, as quais têm sido

usurpadoras de direitos e necessidades.

3 | O GÊNERO NA EDUCAÇÃO

Importa-se explicitar que as influências ambientais estariam afeitas à cultura, aos modos da socialização que cada sociedade almeja. Desta forma, sendo a escola lugar privilegiado de socialização, percebe-se que a *estereotipação* dos gêneros já surge na idade pré-escolar. Embora as crianças já tragam conceitos diferenciados fora do âmbito escolar, estes são exacerbados na escola, muitas vezes não sistematicamente, mas partindo da organização das aulas até à didática de cada professor. O sexismo é evidenciado no âmbito escolar, a qual contribui para a aceitação como fato natural. Ainda, desde a pequena infância, percebe-se que há questões que são desconsideradas pelos atores escolares, mas que influenciam pejorativamente as diferenciações de gênero (DELAMONT, 1985).

Entretanto, espera-se que as instituições escolares combatam preconceitos, o que se apresenta como um paradoxo, visto que, no que concerne ao gênero e a sexualidade, a escola é reprodutora de *heteronormalidades*. O contraponto está no fato de que não há um determinismo nem no nível cultural, posto que as relações de alteridade envolvidas nas construções identidades são contribuintes para as significações (AVILA; TONELI; ANDALÓ, 2011).

Delamont (1985) entende as ações da escola como contribuintes reprodutoras das identidades, indo além das salas de aula.

Louro (2007) tem o mesmo entendimento, quando compreende que a escola se organiza para além dos conteúdos programáticos, ensejando atingir uma norma desejada, deixando marcas nos conviventes deste ambiente. E estas marcas extraordinárias estão intimamente ligadas com as construções identitárias sociais, especialmente as de gênero e sexuais. Ainda, suscita que a escola pretendia formar um homem controlado, autodisciplinado, dominante de suas emoções, contido na expressão de sentimentos e que o contrário disso seria características femininas. Insensibilidade, rispidez e austeridades são características bem aceitas em inúmeras sociedades como sendo masculinas e o seu contrário, o descontrole emocional, principalmente, como sendo femininas.

4 | GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Historicamente, a Educação Física escolar já apareceu com ideais deterministas, trazendo em sua metodologia de ensino o aprimoramento das capacidades físicas e suscitando que meninos e meninas detinham estas capacidades diferenciadas e, portanto, deveriam ser separados nas aulas. Naquele momento da história brasileira, pretendia-se que os filhos da pátria fossem lapidados para servi-la, restando às

meninas apenas a preparação para serem mães (SOARES, 1994).

A ação educativa e as normas culturais da sociedade patriarcal são mais indícios de que as diferenças sexuais são instáveis. E que a mulher não está engessada na estrutura corporal que lhe é imposta, mas sim tem sofrido manipulações que atribuem o caráter natural a estas diferenças (GOELLNER, 2003).

No âmbito escolar, especificamente na Educação Física, tratou-se de maximizar estas diferenças por muitos anos, principalmente para diferenciar o corpo que deveria gerar filhos (o da mulher) do que deveria provê-los (o do homem). Na Educação Física do século passado as meninas já eram vistas como possíveis mães (SOARES, 1994).

Na modernidade, as aulas continuam com problemas relacionados ao reflexo da ideologia sexual dominante da sociedade (MAC AN GAHILL, 1996 apud SOUSA; ALTMAN, 1999), entretanto, a esse respeito, Sousa e Altman (1999) diz que não se pode concluir que o gênero seja o fator preponderante nos problemas ocorrentes nas aulas, visto que outros fatores podem estar interferindo para que meninos e meninas participem das aulas de forma não igualitária.

Neste sentido, Pereira et al (2015), entendem a Educação Física como uma ambiguidade, se por um lado é privilegiada por poder conter, por outro historicamente tipificou as atividades sob as quais meninos e meninas estavam submetidos, reforçando não somente a fragilização do feminino, mas também exacerbando o estereótipo masculino de virilidade. Estes autores mostram preocupações com as feminilidades e masculinidades que podem coexistir numa ideia de aceitação das pluralidades e dizem ser a Educação Física responsável por esta aceitação.

O esporte é um dos conteúdos preconizados para as aulas de Educação Física (BRASIL, 2001), sendo bem aceito pelos adolescentes, principalmente pela espetacularização midiática e o prazer da prática. O esporte, quando inserido de forma variada, é, inclusive, alternativa amenizadora para a exclusão. Darido (2012), entende que variar os conteúdos, não se limitando apenas aos tradicionais, e não priorizando apenas o gesto técnico e uma hipervalorização da competição, traria uma diminuição da exclusão dos menos habilidosos. Zabala (apud DARIDO, 2012) compreende que o conteúdo deve ser referenciado a tudo que o aluno tem que aprender incluindo-se aí as competências procedimentais e atitudinais, além das conceituais.

Entende-se, portanto, que há um problema na dimensão atitudinal nas aulas de Educação Física, devido ao fato de que, livre da interferência desta disciplina, os alunos já assimilam estereótipos estabelecidos socioculturalmente, onde os mesmos, sozinhos, não conseguem se desvencilhar destes preconceitos e assim inviabilizam as participações nas aulas (DARIDO, 2012).

Jesus, Deive e Votre (2008), fizeram análise de trabalhos acadêmicos relacionados à distribuição dos alunos por sexo na Educação Física escolar. Os trabalhos investigavam, em síntese, a separação por sexo e seus complicadores. A

maioria dos autores defendem a ideia de que não deveria haver separação por sexo, por ser este um dos causadores das discriminações na sociedade.

5 | GÊNERO, DIMORFISMO SEXUAL E ESPORTE

No que tange aos aspectos biologicamente estudados, Herculano-Houzel (2005) descreve as transformações do cérebro humano na adolescência, tratando de analisar onde e como ocorrem tais mudanças. É taxativa em afirmar que a preferência sexual é determinada ainda no útero, só revelada na adolescência, mas não trata de outros aspectos relacionados ao gênero, apenas suscita que o dimorfismo sexual é algo cerebral e é tão variado que é impossível criar um padrão.

Questões biológicas geralmente são tratadas ao nível dos genes. Neste sentido, a epigenética, já que esclarece os mecanismos envolvidos na desativação e ativação de genes (MULLER; PRADO, 2008), vem dando esclarecimentos importantes acerca da ideia de que fatores sociais e culturais cria uma desigualdade que se insere na fisiologia da mulher (e também do homem). Não apenas superficialmente, mas no nível dos genes.

Uma pesquisa publicada numa revista norte-americana (LAMA et al. 2014) vem dizer que a condição socioeconômica (principalmente o estado de pobreza) do indivíduo na infância e o estresse da vida adulta influencia o Deoxyribonucleic Acid - DNA (metilação do DNA) e a expressão de genes, inclusive, causando alterações que podem ser transferidas aos descendentes. Engstrom e Anjos (1999) demonstraram em estudo que há uma correlação entre a estrutura corporal de crianças e as condições socioambientais. Estes estudos podem suscitar que o estilo de vida pode causar transformações profundas.

Embora o senso comum recalcitrante diga que a puberdade é um processo exclusivamente natural, ela é regida por processos culturais, onde as condições socioambientais (nutrição) e o estilo de vida (atividade física) vai definir quando e como ela vai acontecer. Inclusive sofrendo ações dos tempos, ganhando caráter histórico (COUTINHO, 1996; LOURO, 2007).

Nieman (1999) faz análise semelhante, no que concerne à influência do sexo na aptidão aeróbia. Ele demonstra que os dados históricos das performances atléticas das mulheres são inferiores aos dos homens, mas abre um importante parêntese quanto a isso.

As mulheres participam de esportes há muito pouco tempo, por exemplo, a maratona, há mais ou menos 40 anos, enquanto os homens há um século e meio, aproximadamente. “É interessante observar que, na Olimpíada de 1984, Los Angeles, Joan Benoit correu a primeira maratona olímpica para mulheres em 2:24:52, um tempo que venceria 11 das 20 maratonas olímpicas prévias” (NIEMAN, 1999; p. 30).

Nos esportes que exigem força, a disparidade de sexo é ainda maior. Entretanto,

ao considerar-se que, os ganhos de força muscular estão intimamente mais ligados a fatores neuromusculares do que o volume do músculo (IDE; LOPES; SARRAIPA, 2010), há de convir-se que se faz necessário uma análise aprofundada do que ocorre verdadeiramente.

Neste sentido, o esporte praticado na Educação Física tem influência direta na socialização específica para atividades corporais e lazer, sendo a reprodução e construção de um modelo masculino, visto que o esporte ali é visto como do mundo masculino (SARAIVA, 2005). E estas ações contribuem efetivamente para alterações morfo-fisiológicas nos corpos, formando corpos tidos como masculinos ou femininos.

6 | NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA

O Estágio Supervisionado ocorreu entre os meses de Maio e Outubro de 2016. As turmas eram com aproximadamente 15 alunos e alunas em média, sendo duas turmas de 1º ano do ensino, uma turma de 2º ano e mais duas turmas de 3º anos, perfazendo um total de cinco turmas de ensino médio.

A regência se passou justamente no período das Olimpíadas do Rio de Janeiro. A temática dos jogos fora proposta pelo Plano de Ensino do professor titular da turma, para se desenvolver os conteúdos relacionados com autoimagem e aceitação corporal.

Neste sentido, percebeu-se a oportunidade de tratar transversalmente das questões de gênero envolvidas nas práticas dos esportes olímpicos e sua divulgação através da mídia.

Optou-se pela exibição através de vídeos curtos e outras imagens para evidenciar a compleição física dos atletas e das atletas, enfatizando a ideia de que o corpo atlético é um corpo funcional e não havia intencionalidade com a beleza estética. Tratou-se dos corpos de acordo com a diversidade esportiva, em relação a composição e tamanhos e sua especialidade.

A partir destas temáticas, fez-se um comparativo entre os corpos dos alunos e a possibilidade de prática em alguns esportes. Consequentemente, a temática proposta foi possível transversalizar com a questão dos gêneros no esporte.

Questionou-se aos alunos a possibilidade da prática da MARCHA ATLÉTICA, por todos os corpos mais magros, fossem meninas ou meninos. Como a prática simula um rebolado, os meninos rejeitaram a possibilidade de aderirem.

Foi proposto que eles fizessem uma reflexão do que impediria a prática, tentando focar apenas na compleição física, entretanto eles disseram que “aquele esporte não era para homens porque homens não podem sair por aí rebolando”. Questionou-se a respeito de como aquela prática poderia interferir em suas masculinidades e feminilidades e propôs-se que debatessem entre si. Eles concluíram que não mudaria essa questão da masculinidade, mas ficariam com vergonha de praticar em vias

públicas por medo do bullying.

Em outro momento, tratou-se do uniforme dos atletas e das atletas e de como isso poderia influenciar em suas performances. Desta vez, questionou-se às meninas se elas ficariam bem à vontade com alguns trajes diminutos apresentados nas figuras. Exceto algumas poucas meninas, a maioria disse que ficaria com vergonha de usar roupas tão curtas.

O debate seguiu com reflexões acerca de como a vergonha poderia limitar a performance das atletas, evoluindo a discussão para uma questão que era importante para a transversalidade, a saber, o tratamento das mulheres como MUSAS NO ESPORTE em detrimento de suas performances atléticas. Algumas meninas se pronunciaram a favor, dizendo que era importante serem tratadas como bonitas e outras disseram que queriam ser vistas como talentosas e as de um terceiro grupo disseram que queriam os dois tratamentos.

A proposta da leitura de uma reportagem de 17/01/2012, sobre o uniforme colado aos corpos que fora imposto às jogadoras de basquete da Euroliga. Na reportagem, a jogadora Diana Taurasi, do Galatasaray da Turquia, demonstra sua insatisfação e recusa.

Com a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, foi proposto que todos e todas visitassem um endereço de uma página do Facebook que se dizia fã das jogadoras argentinas de hóquei na grama, para discutir em sala de aula o que achavam do exposto ali (A página se chama “Movimiento Para Que Las Leonas Jueguen En Tanga” e propõe que Las Leonas joguem em trajes menores). Debateu-se sobre a objetificação da mulher e de como o tratamento de MUSA pode ser um apelo midiático nesse sentido.

Toda essa temática foi ensejando possibilitar aos alunos e alunas a oportunidade de perceberem que algumas questões podem passar despercebidas ou até como naturais, mas que na verdade são internalizadas a partir de aprendizagens culturais.

Entendendo que não é possível fazer escolhas sem que se saiba das consequências de cada uma delas, o objetivo do esclarecimento de questões que possam estar embaçadas, de alguma forma, podem oportunizar aos adolescentes escolhas mais conscientes para suas vidas, em vez de apenas aceitarem como se determinados por uma ordem natural das coisas.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola encontra-se em posição privilegiada no processo de socialização, pois possui sistemas e métodos capazes de formar opiniões e contribuir na construção de identidades, portanto, entende-se que no Estágio Supervisionado foi fulcral tratar de um assunto relevante para a sociedade como um todo. Salienta-se a influência destas questões na criação de estereótipos que cerceiam direitos e deveres, principalmente

às mulheres, para que se possibilitem o protagonismo de suas próprias vidas. É possível afirmar que o Estágio se mostrou como uma experiência ímpar, trazendo vários conhecimentos que não poderiam ser adquiridos apenas com a leitura da literatura acadêmica, sendo assim indispensável para a formação do futuro professor.

Outrossim, é preciso fomentar o aporte teórico acerca do tema, visto que o mesmo é relativamente recente e o conhecimento atingido através de pesquisas inerentes às questões de gênero e sexualidade poderá contribuir para uma Educação Física plural, inclusiva, diversificada e, conseqüentemente, possibilitar um mundo onde estas questões não sejam relegadas à obscuridade que cerceia a intervenção no mundo de forma plena.

REFERÊNCIAS

AVILA, A H.; TONELI, M J F.; ANDALÓ, C S de A. Professores/as Diante da Sexualidade-Gênero no Cotidiano Escolar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16. N. 2. P. 289-298, abr./jun. 2011.

BIANCHI, A. C. M., et al. **Orientações para o Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BRASIL. MEC/CNE. Parecer CNE/CP 9 /2001: **Diretrizes Curriculares- Cursos de graduação**, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília: MEC/SEF, 2001

CASTELANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

COUTINHO, E M. **Menstruação, a sangria inútil: uma análise da contribuição da menstruação para as dores e os sofrimentos da mulher**. 6. Ed. – São Paulo, Editora Gente, 1996.

DARIDO, S C. **Educação Física e Temas Transversais na Escola**. Campinas: Papyrus, 2012

DELAMONT, S. **Os papéis sexuais e a escola**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

ENGSTROM, E M.; ANJOS, L A. Déficit estatural nas crianças brasileiras: relação com condições sócio-ambientais e estado nutricional materno. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro 15(3) 559-567, jul-set. 1999

GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** – 6ª ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GOELLNER, S V. “As Mulheres Fortes são Aquelas que fazem uma Raça Forte”: Esporte, Eugenia e Nacionalismo no Brasil do Século XX. **Recordes: Revista de História do Esporte**, vol. 1, número 1, junho de 2008.

GOELLNER, S V. **Bela, Maternal e Feminina: Imagens a Mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro em transformação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

IDE, B N.; LOPES, C R.; SARRAIPA, M F. **Fisiologia do Treinamento Esportivo: força, potência, velocidade, resistência, periodização e habilidades psicológicas**. São Paulo: Phorte Editora,

2010.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física Escolar. **Movimento**, Rio Claro, v. 14, n. 2, p. 83-98, 2008.

LAMA, L. L.; EMBERLYB, E.; FRASERC, H. B.; NEUMANNA, S. M.; CHEND, E.; MILLERD, G. E.; KOBOR, M. S. Factors underlying variable DNA methylation in a human community cohort. **PNAS** 2012 109 (Supplement 2) 17253-17260; October 8, 2012.

LOURO, G L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 8–34.

MARCONI, M A.; LAKATOS, E M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

McARDLE, W D.; KATCH, F I.; KATCH, V L. **Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano**. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MULLER, H R.; PRADO, K B. Epigenética: Um Novo Campo da Genética. **RUBS**, Curitiba, v.1, n.3, p.61-69, set./dez. 2008

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: VICENTE, M N.; TRIVIÑOS, A N. S. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

OLIVEIRA, E.S.G.; CUNHA, V.L. O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. **Revista de Educação a Distância**. Ano v, n. 14, 2006.

PEREIRA, E G B; PONTES, V S; RIBEIRO, C H de V; SAMPAIO, T M V. Revisão crítica sobre os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física. **R. bras. Ci. e Mov** 2015;23(1):146-156.

SARAIVA, M C. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito**. 2ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SILVERTHORN, D U. **Fisiologia Humana: uma abordagem integrada**. [tradução da 2.ed. original de Ivana Beatrice Mânica da Cruz]. – Barueri, SP: Manole, 2003.

SOARES, C L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de.; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

SOUZA, J. C. A.; BONELA, L. A.; PAULA, A. H. A Importância do Estágio Supervisionado na Formação do Profissional de Educação Física: Uma Visão Docente e Discente. **Movimentum**, Ipatinga, v. 2, n. 2, ago./dez., 2007.

STUDART, H. **Mulher: objeto de cama e mesa**. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1990.

VASCONCELOS, M. L. **Educação Básica: A promoção do professor – Relação professor-aluno-planejamento-mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2012.

SOBRE O ORGANIZADOR

WENDELL LUIZ LINHARES - Possui graduação plena em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI (2011), especialização “Lato Sensu” em Educação e Gestão Ambiental pela Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco (2011). Em 2016 concluiu sua segunda graduação, sendo o curso de licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e em 2019 se tornou Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG). Seus estudos têm como objeto o Esporte, sobretudo, o Futebol, tendo pesquisado suas diversas manifestações durante a graduação e pós-graduação. Atualmente têm desenvolvido pesquisas relacionadas ao processo de “identificação e pertencimento clubístico” e atua como docente da disciplina de Educação Física na Rede Particular de Ensino da cidade de Ponta Grossa – Paraná.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Atividade Motora 104
Atletismo 17, 30, 177
Autonomia de Idosos 104

B

Benefícios 104, 112, 139

C

Capacidades Funcionais 43
Crianças 88

D

Dança 186, 187
Deficiência Intelectual 79
Desempenho Acadêmico 88

E

Educação Básica 11, 25, 29, 30, 43
Educação em Saúde 121
Educação Física Escolar 5, 11, 17, 60
Ensino 1, 8, 13, 14, 17, 24, 71, 89, 91, 188
Ensino Fundamental 13, 24, 71, 89
Envelhecimento 103, 104, 112, 113, 139
Escola 10, 14, 42, 43, 52, 53, 54, 59, 60, 86, 170
Estágio Supervisionado 1, 2, 3, 8, 9, 11, 12, 13, 14
Exercício Aeróbico 114, 118

F

Fenomenologia 187
Funcionamento Executivo 88

G

Gênero 1, 10, 19

H

HIV 8, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126

HIV/AIDS 8, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126

I

Idosos 103, 104

Inclusão Escolar 41

J

Jogos 5, 9, 66, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 86

Jogos Olímpicos 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

L

Lazer 5, 9, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 169

M

Memória 171, 180

N

Neuropsicopedagogia 88, 97

P

Políticas Públicas 5, 9, 156

Prática Pedagógica 54

Professor 17, 23, 24, 25, 29, 76, 171

Q

Qualidade de Vida 52, 134, 137, 142, 156

R

Relato de Prática 71

S

Saúde 10, 43, 52, 53, 60, 105, 113, 120, 121, 124, 126, 129, 130, 131, 136, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 154, 171

Sono 145, 148

T

Tênis 60, 62, 66, 67, 68, 69, 70

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-567-9

